

FACULDADE CATÓLICA DOM ORIONE

CURSO DE PSICOLOGIA

LANA MAÍSY ALVES SILVA

**A SINGULARIDADE NA RELAÇÃO MÃE E FILHA NA CONSTITUIÇÃO DA
SUBJETIVIDADE FEMININA E AS INFLUÊNCIAS SOCIAIS**

ARAGUAÍNA

2020

LANA MAÍSY ALVES SILVA

**A SINGULARIDADE NA RELAÇÃO MÃE E FILHA NA CONSTITUIÇÃO DA
SUBJETIVIDADE FEMININA E AS INFLUÊNCIAS SOCIAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica Dom Orione como requisito parcial à obtenção de grau de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Viviane Costa Barbosa

ARAGUAÍNA

2020

LANA MAÍSY ALVES SILVA

**A SINGULARIDADE NA RELAÇÃO MÃE E FILHA NA CONSTITUIÇÃO DA
SUBJETIVIDADE FEMININA E AS INFLUÊNCIAS SOCIAIS**

Este trabalho de Conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Bacharel em Psicologia do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione e aprovado em sua forma final em: _____ de _____ de _____.

Apresentado à Banca Examinadora composta pelos professores:

Prof. Dra. Viviane Costa Barbosa
Orientadora

Prof. Me. Jordana Carmo de Sousa
Examinadora

Prof. Esp. Nayana Brunio Aguiar
Examinadora

A SINGULARIDADE NA RELAÇÃO MÃE E FILHA NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA E AS INFLUÊNCIAS SOCIAIS

SINGULARITY IN THE MOTHER AND DAUGHTER RELATIONSHIP IN THE CONSTITUTION OF FEMALE SUBJECTIVITY AND SOCIAL INFLUENCES

Lana Maísy Alves Silva¹

Viviane Costa Barbosa²

RESUMO

Este artigo corresponde a conclusão da graduação em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione. Consiste numa pesquisa bibliográfica conceitual acerca da constituição subjetiva feminina. Como objetivo dispõe-se a compreender as interferências na relação mãe-filha, bem como as relações com o outro no processo da sua constituição. Elencou-se pela pesquisa fundamentada pelo viés psicanalítico. Assim, no campo psicanalítico, entende-se a partir da relação constituída com a mãe, uma figura feminina, como um espaço crucial na vida da filha ao tornar-se mulher. A discussão consiste acerca da relação construída das conjunturas socioculturais, como a figura masculina na narrativa feminina, divisões de papéis, relação de poder. Contudo, compreende-se a subjetividade singular feminina entrelaçada ao encontro com a mãe, aos desdobramentos com o outro que a interfere, perpassa pela sua formação feminina que a coloca em um lugar que com o tempo tem sido questionado, articulado pelas mulheres.

Palavras-Chave: Subjetividade feminina. Constituição Psíquica. Mãe-filha. Psicanálise.

ABSTRACT

This article corresponds to the conclusion of the undergraduate course in Psychology at Faculdade Católica Dom Orione. It consists of a conceptual bibliographic research about the subjective female constitution. The objective is to understand the interferences in the mother-daughter relationship, as well as the relationships with others in the process of its constitution. It was listed for research based on psychoanalytic bias. Thus, in the psychoanalytic field, it is understood from the relationship established with the mother, a female figure, as a crucial space in the daughter's life when she becomes a woman. The discussion consists of the relationship built from socio-cultural situations, such as the male figure in the female narrative, divisions of roles, power relations. However, one understands the singular female subjectivity intertwined with the encounter with the mother, with the unfolding with the other

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione - FACDO.

² Doutorada e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC Goiás. Docente no curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione - FACDO.

that interferes with it, permeates her feminine formation, which places her in a place that, over time has been questioned, articulated by women.

Keywords: Female subjectivity. Psychic Constitution. Mom daughter. Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo corresponde a formalização da conclusão do curso da graduação em psicologia pela Faculdade Católica Dom Orione.

Desse modo, este trabalho consiste em um estudo de pesquisa bibliográfica conceitual no campo psicanalítico visando compreender e discutir acerca da constituição subjetiva da mulher a partir do vínculo sociocultural com o outro.

O intuito deste trabalho é levantar elementos relacionados à constituição psíquica da mulher na percepção psicanalítica, no tocante à relação mãe-filha como processo de identificação primária, assim como discutir a constituição da mulher a partir das interferências sociais.

As discussões elencadas neste trabalho surgiu, conseqüentemente, do desejo de dissertar acerca da constituição subjetiva feminina, ainda que seja um campo complexo de análise, compreendendo que o desejo da pesquisa está entrelaçada ao pesquisador, nem sempre compreendido, mas desejável. Este trabalho compõe o estudo sobre as interferências na vida da mulher a partir das suas relações.

À vista disto, propõe-se a possibilidade de abordar conteúdos que possam ser lidos, compreendidos e analisados por aqueles que estudam sobre a subjetividade feminina e a todos que se interessarem pela presente discussão. Assim, o esforço será percorrer as narrativas psicanalíticas que versam sobre a problemática aqui levantada a fim de desvelar o que se coloca da relação mãe-filha e das relações experimentadas no laço social.

Contudo, trata-se de uma discussão atual que compreende a mulher numa conjuntura sociocultural ainda constituída nas relações de poder em que todos os dias uma mulher a partir das suas inter-relação, da sua singularidade diz o que deseja, que lugar pretende ocupar. Considerando a relevância de debater questões que dê espaços de articulação, discussão e posicionar-se sobre o seu lugar, dando a ela narrativa que a foi roubada.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 A mulher: uma perspectiva histórica

Poderíamos aqui iniciar a contar o percurso da mulher desde os primórdios e teríamos a história e a antropologia como apoio, mas não cabe a este um estudo cronológico, no entanto, previamente, pretende-se discutir a quem foi dado o papel de determinar a história da mulher em todos os séculos. A História da mulher traz consigo um narrador que não é ela a própria protagonista, no passado e até hoje passam por um olhar masculino, da qual a linguagem compactuou com efeitos historicamente. Foi o homem o escritor da história da mulher por muitas décadas, era dado a ele o lugar de fala. Para Colling (2014), o homem contou a história da mulher a sua maneira, determinou o seu presente e futuro, e isto implicou gerações. GOMES e ZANETTI (2009) compreende que existiu e existe uma relação intersubjetiva, assim atravessando a mulher em suas relações familiares, grupais que de certo modo levou consigo e passou de geração em geração sendo assim uma reprodução do discurso que classificou o lugar da mulher, suas relações e modo de vida.

Para Fuente (2012), no contexto ocidental, na relação de poder estabelecida como propriedade do outro, existe uma maior dificuldade de representar-se, pois a distinção diante do sexo aponta a:

Recusa de um real que elas encarnam. [...] As interpretações, os mitos, os conceitos e preconceitos de que uma dada cultura se serve para tratar o real do sexo já surgem como uma tentativa de solucionar o impasse que provém da estrutura humana (FUENTES, 2012, p.51).

Neste contexto de linguagem masculina hierarquizada compôs a desigualdade, a inferioridade da mulher, que vivencia a castração social, são discursos que perpetuam até hoje. De acordo com Arán (2007), Judith Butler chamou de uma opressão de gênero que em prol da realidade material consistia numa relação de poder. Visto que o gênero é um modo de funcionamento, regulamentação sociais, impostas ao sujeito. Voltemos a então ocupação feminina, na constituição subjetiva que deriva das relações hierarquizada. Woerkens (2008) compreende que a construção subjetiva se constituiu das relações sociais de gênero, quer dizer, estava vinculada às funções estabelecidas para ambos. Nos estudos de Foucault (1995) prevaleceu uma resistência ao poder da mulher, nas divisões de papéis, podemos dizer assim. “...Um discurso falocêntrico segregacionista, que nomeia a mulher como um objeto degradado e maligno” (FUENTES, 2012, p. 52).

Neste sentido, trata-se da constituição histórica social construída da qual estabeleceu-se relações de poder, impondo o não pertencimento da mulher, anulação do espaço para assumir sua vida, posicionar-se. Colling (2014) compreende que a generalização no contexto da hierarquia machista há notoriamente a diferença entre os gêneros, o que, conseqüentemente, acarretou nas ocupações funções desiguais, além disso, acredita que há uma máscara que torna a realidade natural, aceitável e compactuada, muitas vezes sem compreender, até mesmo pelas mulheres.

Diante disto, o autor vai dizer que as manifestações da natureza da mulher surgem desde o ventre materno, o que ele chamará de “prisão”, e que o olhar para a mulher consiste em procriar, dar vida ao ser humano, com o ofício maternal. Ou seja, retira a mulher de outras funções, como o trabalho, espaços políticos e a tomada de decisão na família. Mas em dado momento surge a consciência que a mulher está para além da narrativa da mulher na figura de Eva e Maria (COLLING, 2014).

Foi a partir do discurso do outro que a sociedade masculina, o patriarca, retrata duas mulheres, a primeira comparada a Maria, virgem e casta, que fora escolhida para procriar, cuidar dos filhos e do marido, cuidar do lar e ser exemplo de esposa, submissa a autonomia do homem, seja ele seu pai, esposo ou até mesmo dos filhos homens. E foi neste discurso que a mulher acreditou por um longo tempo que caberia a ela o papel de cuidadora e nada mais. E a outra mulher, estigmatizada, a mulher profana, para os devaneios, para os fetiches, considerada impura. E daí compõe uma condição estabelecida desde a infância, um discurso que diz e desdiz o nome dessa mulher e do que ela experimenta subjetivamente nas relações familiares.

O discurso aqui nos remete a uma linguagem cultural religiosa, de pudor e patriarcado. Dentro desta história contada por homens, além das questões da função da procriação e da mulher destinada ao cuidado dos homens, colocavam em questão a capacidade intelectual da mulher, sendo elas desprovidas de inteligência tal como o homem, contudo cabia a mulher a obediência, o silêncio, a procriação, as funções maternas.

No discurso do outro a primeira definição de papéis para homens e mulheres foi estabelecida e analisada pelos filósofos, prevalecendo assim a marcas da cultura grega. O feminino no campo filosófico surge com críticas às práticas a partir do período do século XX (FUENTES, 2012). A narrativa da religião também acrescenta enorme influência na perspectiva patriarcal na vida da mulher. Colling (2014) vai dizer que a representação da igreja no contexto social compactuou com submissões, “posições de gênero” que estabeleceu

uma interpretação feminina dual, a Eva pecadora e Virgem Maria. No campo acadêmico as narrativas são articuladas pelo viés masculino, tendo em vista que por muitos séculos os espaços para estudos eram permitidos apenas para os homens. Contudo o discurso filosófico, religioso, médico, psiquiátrico, psicanalítico, entre outros, não chegavam até a mulher, uma constatação de poder entre gênero (COLLING, 2014).

Speller (2005) traz um olhar para o outro lado da narrativa, quando as mulheres estavam dispostas a atender ao homem. Indaga uma reflexão que traz sentido a complexidade da aceitação e submissão da mulher no contexto familiar. Ele acredita que existe coparticipação da mulher, pois considera que há em muitos casos algumas vantagens recebidas. Mas não afirma que isto é consciente ou inconscientemente, pois presume que “Em todos os séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural” (SPELLER, 2005, p. 23). De tal modo que a mulher neste contraste de submissão engrandece o homem, o coloca em um lugar de herói, pai, procriador, detentor do conhecimento. Ao referenciar o espelho apontou o reflexo da mulher a partir do outro ou do grande Outro.

Mas, aproximadamente, na década de 1980, um grupo de mulheres despertaram-se ao papel representado pela mulher da época, colocando-se em posicionamento de disputa por espaços públicos, na educação, no trabalho, na política contestando os seus direitos, bem como construindo espaço reescrita e releitura da história da mulher (COLLING, 2014).

As narrativas sobre constituição da mulher na perspectiva patriarcal e religiosa também influenciaram na maneira como elas foram inseridas no mercado trabalho. As relações de trabalho são marcadas pela assimetria e hierarquia de gênero. No contexto mundial a mulher passou a ser inserida do mercado de trabalho a partir da Revolução Industrial inglesa³. Conforme Hobsbawm (2000, p. 64), é no período industrial que a mulher ganha espaço no campo de trabalho, com a inserção de trabalhadoras na industrialização contribuiu para a inserção da mão de obra feminina embora existisse relutância dos homens em abrir mão da independência e “submeter-se a “disciplina da mecanização”. No entanto a integração da ocupação da mulher no campo industrial não lhe garantia boas condições, bons salários o que acentua as marcas de assimetria e hierarquias de gêneros.

De acordo com Abreu (2014) nas narrativas femininas britânicas, no período da na Primeira Guerra trouxeram expectativas de novos tempo de avanços significativos

³ A Revolução Industrial teve início na Inglaterra no século XVIII e caracterizou-se por um conjunto de transformações econômicas e sociais que levaram à aceleração do crescimento (HOBSBAWM, 2000).

desempenhando funções no meio social feminino no Século XX e à vista disto compreende-se que períodos de guerras foram históricos também nas mudanças do contexto história da mulher a partir de movimentos pelos seus direitos e reconhecimento do seu potencial na atuação na sociedade. Aponta ainda que a Primeira Guerra trouxe oportunidades de trabalho para as mulheres, embora não fosse acompanhados de melhores salários. Vale ressaltar que a entrada da mulher no mercado de trabalho não foi um reconhecimento do homem sobre o potencial da mulher, mas uma necessidade diante cenário da época. O processo foi importante para as conquistas de ideias e vislumbre de emancipação e independência no pós-guerra Abreu (2014). E é sobre as possibilidades de emancipação que a mulher tem conquistado um espaço social de revisão de valores.

Para Colling (2014) quando a teoria abre espaço para falar de questões sociais a partir da “categoria de gênero” abre espaço para falar da mulher e quando se fala da mulher, inevitavelmente, se discute assuntos que não exclui o homem, pois as relações sociais se constitui a partir do encontro dos gêneros.

Situar o sujeito, ou seja situar a constituição feminina no meio social e cultural, na constituição subjetiva da mulher atravessa um discurso masculino, ou seja, que inferioriza a mulher, que a condiciona no papel de submissa ao outro. Ao passo que a história, recente da mulher, foi se constituindo, surge a condição da interpretação da constituição feminina, a representação feminina. É a partir do discurso viril filosófico, religioso, médico e psiquiátrico e psicanalítico que a mulher começa questionar a sua submissão, teria ela escolhido ou foi imposta às condições sociais?

Fuente (2012) vai dizer que no campo do saber as profissões excelentes, como medicina, o direito e a política eram ocupados por homens, escolas e faculdades eram ocupadas por eles, o lugar do não saber era submetido à mulher, compreendido e reproduzido até mesmo pelas próprias mulheres. “... o mundo do saber filosófico masculino retirava da mulher a condição de se apropriar e ser produtora de um saber legitimado” (FUENTES, 2014, p. 30).

2.2 A mulher: uma perspectiva psicanalítica

No seio psicanalítico as questões que versam sobre a mulher tem seu limiar com os estudos e observações Freudianas acerca da Histeria. Fuentes (2012) acredita que é a partir da singularidade feminina que nasce as manifestações históricas das mulheres. É sabido que

Freud desejava percorrer um campo complexo “obscuro”, difícil de revelar-se e de ser revelado.

Um período de destaque para o sofrimento psíquico da mulher, possivelmente, foi datado no final do século de XIX em que muitos médicos renomados tiveram o interesse em descobrir a causa e o tratamento para a Histeria, exemplos destes autores foram: Jean- Martin Charcot; Josef Breuer; Sigmund Freud e dentre outros. Freud apesar de ter aprendido a técnica da hipnose com Charcot como uma maneira de obter informações sobre os processos mentais de suas pacientes, foi através das suas observações que elaborou uma hipótese de que as causas da histeria é de origem psicológica. E com isto, avança nas suas pesquisas e desenvolve o conceito do inconsciente tal como a subjetividade do indivíduo que é constituída a partir do desenvolvimento psicosexual porém, ainda é um ponto que precisa ser discutido pois, parece que existem lacunas na construção da subjetividade feminina.

Por se tratar de um momento histórico em que as mulheres tinham muitas restrições sociais e o lugar de notoriedade desta mulher, de acordo com Freud (1931) em seus escritos sobre a sexualidade feminina, entende a importância que compreende-se da relação da mulher com a figura materna da infância a vida adulta. Era o lugar de ‘mãe’ o que indicaria uma passagem saudável para vida adulta e um superego bem constituído.

A partir do estudos com mulheres abordando conteúdo da histeria emergem novos discursos que põe em discussão a sexualidade do sujeito, constituição subjetiva. Compreendendo a importância da sexualidade da mulher, na constituição da sua personalidade. Um sujeito do inconsciente, de linguagem que se constitui no simbólico e imaginária. Freud acredita que,

A estrutura edipiana do inconsciente constitui a matriz da teoria psicanalítica. Ela distribui as posições do pai, da mãe, do filho e da filha e detalha o caminho através do qual cada um aprende a assumir a sua realidade sexuada, ou a resignar-se a ela. O sexo feminino é definido negativamente em relação ao masculino. Freud não ignora por certo o papel desempenhado pela cultura na determinação do lugar das mulheres, mas a estrutura edipiana é considerada transcultural (COLLING, 2014 p. 95).

Para a autora, nos estudos da histeria feminina, chama a atenção de Freud a angústia, a melancolia e a postura de desinteresse das mulheres. Assim, Freud interpreta a constituição da personalidade feminina a partir da sexualidade e defende novas possibilidades de repensar o feminino. Para Alán (2007), análise na psicanálise acerca da construção de subjetividade está entrelaçada ao ter um pênis ou não. Isto é, a mulher é marcada pela inferioridade, tal inferioridade posiciona a mulher submissa ao poder pertencente ao homem.

No que tange a fase edipiana da menina, Fuentes (2012) vai dizer que há “bifurcação”, ou seja, o destino da mulher é singular e relacionado ao falo, numa compreensão particular da perda ou ausência do seu órgão. E nesta situação acredita que pode ocorrer da filha/menina jamais soltar o laço estabelecido com o grande outro, a figura materna.

A análise da diferença dos sexos desde a infância, bem como o estudo da constituição subjetiva do sujeito, em especial da mulher, pressupõe que a constituição se inicia na infância, nas primeiras relações familiares, Freud (1925), em seus escritos discorre sobre as consequências no campo do psiquismo advindos das diferenças da anatomia do corpo humano, destaca a relevância da análise das primeiras manifestações da constituição subjetiva do sujeito, do que é inato a criança, bem como a experiência com o outro formada. E das expectativas do outros na constituição da criança.

Nesta constituição identitária o primeiro contato de referência é mãe, sua experiência relacional é o materno. Uma relação de cuidado materno que o bebê necessitará. Freud (1931), afirma que a mãe é o objeto primário “original” da criança. Que dá a filha os primeiros cuidados, cria uma relação de afeto, e possivelmente de proteção, será a mãe a referência. Refere-se ao primeiro amor intenso da mulher, esta relação, uma mãe que também é mulher e que, certamente, passou pelo mesmo processo feminino onde se constituiu das relações. Não só o amor, carinho e cuidado, mas também os primeiros conflitos e fases de castração social.

A primeira escolha da mulher, ainda menina, muda para o seu objeto de amor intenso, que deixa de ser a mãe e dar lugar ao pai, passo importante para a constituição do que se tornará a mulher. Embora não seja perdida a relação materna, o pai interfere também de modo significativo neste trio, na figura da mãe, objeto original, na formação da compreensão da criança (FREUD, 1931). Mas Freud destaca uma forte ligação com a mãe mesmo na dependência, amor, que há entre a menina com seu pai.

Ao falar da ligação da mãe com a filha a partir da psicanálise é fundamental acrescentar que no período de descoberta da menina corresponde a etapa pré-edipiano. Período em que “zona genital” é descoberta pelas crianças, há uma diferença anatômica do qual ambos questionam porque a menina não possui pênis, mas o menino não chegará a questionar o porquê de tê-lo, pois ter significa possuir poder e isto é bom. Através do contato com outras crianças ambos percebem que existe a falta do pênis da menina, e é quando que o menino teme em perder o seu objeto de poder. Mas nos atentamos a discutir os impasses, conflitos e angústias vividas pela menina. Enquanto que o menino teme a perda, a menina

compreende que não possui, aceita e luta para tê-lo Freud (1925). A menina nada tem a perder.

“Falo é uma representação imaginária construída com base no órgão genital masculino. O homem pode até pensar que, tendo o pênis, tem o falo, embora não seja assim” (ZALCBERG, 2019, p. 28). Embora ambos não possuam o objeto falo, o menino se diz detentor do poder por possuir o pênis, enquanto que a menina compreende que não tem e por este motivo não possui poder algum. Esta percepção que a menina carrega consigo para a vida adulta instaura na sua constituição subjetiva, sentindo-se sem poder algum, dependente do outro. Uma percepção danosa para as mulheres que enfrentam condições sociais tão desiguais.

Enquanto que o menino vai diretamente para o período edipiano, a menina antes passa pelo processo pré-edipiano, considerada uma fase marcante na constituição subjetiva da mulher, Nasio (2007) compactua da afirmação de Freud, dizendo que a menina visa possuir a mãe, seu desejo primário, o primeiro objeto sexual, mas também deseja posteriormente o pai, tornando sua mãe a sua rival, mas isto não a faz romper os laços com a figura materna. Percebe-se que a constituição subjetiva de criança-menina-mulher é construída através do tempo, das relações estabelecidas em seu meio, no contexto social, cultura.

Para Freud (1931) é relevante pensar nas mulheres que, possivelmente, continuam presas em uma forte ligação original com o grande outro, a figura materna, impossibilitando de ocorrer mudanças que as façam alcançar em direção aos homens.

Na subjetividade feminina há uma ligação forte com a mãe e para Freud (1931) a ligação com a mãe, na fase pré-edipiana apresenta maior relevância para as mulheres do que para os homens. E que esta relação lá na infância tem um potencial na vida adulta, nos vínculos e na sexualidade. Segundo Zalberg (2019) a constituição da identidade da mulher inicia e depende do olhar, da identidade subjetiva materna. Isto fica claro quando Freud diz que a dependência feminina é intensa, tanto com o pai quanto com a mãe, o que ele nos diz que a intensidade da relação da mulher com outras figuras de relação pode ser compreendida na forte ligação materna. Trata-se de uma relação longa e intensa, que se constitui heranças que atravessam outros vínculos, como a vida amorosa. Para Campos (2000) trata-se de uma relação mulher/mulher quando falamos da conexão mãe e filha, apresentando conexão que pode gerar potencial para a mulher. Isto é a formação da mulher que passa por outra mulher, excepcionalmente, sua mãe. Esta mãe que também é mulher que a priori teve em sua

mãe/mulher as experiências e, conseqüentemente, estas relações passaram e passam por todas as mulheres.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho acadêmico foi elaborado a partir do desejo de pesquisa e estudo sobre a temática da constituição subjetiva da mulher com base na abordagem psicanalítica.

Segundo Ceccarelli “O que marca a diferença em uma pesquisa psicanalítica é o objeto de pesquisa: para a psicanálise, o objeto de pesquisa é o inconsciente; melhor dizendo, as manifestações do inconsciente.” (CECCARELLI, 2012, p.141). Para condensar dados para discussões, elencou-se o tema de pesquisa supracitado, desenvolvendo a pergunta norteadora. Quais as interferências da relação mãe-filha, bem como o vínculo estabelecido com o outro na constituição subjetiva da mulher?

Para Ceccarelli (2012) o pesquisador/acadêmico faz indagações no percurso do seu trabalho teórico, a indagação que o pesquisador se faz ao longo do seu trabalho estará linkada com o objetivo e o desejo, mas que nem sempre será consciente pelo pesquisador.

Neste trabalho perceberá uma conjuntura de percepções e análise, porém, a singularidade destes escritos buscará um olhar reflexivo sobre o feminino e do outro sujeito na constituição subjetiva feminina.

A partir do objeto de estudo optou-se pela pesquisa conceitual. Realizou-se pesquisas bibliográficas com o uso dos espaços online, Google Acadêmico, Revista Subjetividade, Scielo e a coleção de Freud, são ferramentas que permitem a pesquisa no campo acadêmico por meio de artigos, livros, dentre outros.

Foram selecionados artigos científicos conceituados e relevantes ao tema, bem como alguns capítulos dos livros, que sustentaram teoricamente o desenvolvimento deste trabalho acadêmico. Na sua maioria na abordagem psicanalítica, mas sem descartar o uso de outros artigos que pudessem compactuar com a discussão acerca da subjetividade feminina, auxiliando na compreensão dos textos de autores psicanalíticos. No entanto, por tratar-se de uma discussão no viés psicanalítico, a leitura se deu a partir da raiz da psicanálise, assim Freud, entre outros foram a base de investigação e indagações.

Recorreu-se ao termo para pesquisa “A Subjetividade Feminina na Psicanálise” e “Constituição Psíquica Feminina”. Todo o material usado correspondia a livros e artigos escrito no idioma português, sem classificação do ano de publicação, mas elencou-se o

principal tema relacionado à constituição psíquica e subjetividade da mulher a partir da psicanálise e as interferências sociais neste processo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das inter-relações, no entrelaçar de vivências entre mãe-filha, bem como numa relação patriarcal que a mulher constitui sua subjetividade, a relação objetiva, relações de poder e condições socioculturais.

Ser mulher é desde sempre uma invenção - quando o casual é a essência, como formulou Kierkegaard - que envolve não somente as condições socioculturais e as relações de poder numa dada cultura, mas resulta de uma posição subjetiva singular construída a partir do encontro contingente do corpo com a língua materna pela qual o sujeito foi falado (FUENTES, 2014, p. 45).

Zalcborg (2019) vai nos dizer que:

Uma relação intensa demais entre filha e mãe pode dificultar a passagem da menina a mulher, implicando uma falha na conquista da feminilidade da filha. (...) a mulher depende, assim, em grande parte, dos recursos Psíquicos com os quais a mãe - a primeira - adota - abrindo o caminho, em seguida, para outras aquisições formadoras de sua identidade feminina (ZALCBORG, 2019, p. 11).

Outro fator importante corresponde à constituição subjetiva da mãe, pois esta que não conseguiu vencer seus questionamentos e devastações correspondente sua subjetividade poderá interferir na constituição subjetiva da sua filha. Ou seja, se a mãe,

Aparentemente não conseguirá elaborar uma identidade feminina sólida através dos recursos que cada mulher põe em jogo para criar uma forma de viver sua feminilidade. Esta dificuldade leva a mãe a rejeitar o corpo da filha que a evoca (ZALCBORG, 2019, p. 19).

Embora este distanciamento pode vir a ocorrer, a autora aponta que muitas mães aceitam bem suas filhas e as cuidam com todo o carinho e zelo possível. Essas questões que parece ser simples contribuem para constituição subjetiva da mulher. Sendo ela uma mulher faltante, o amor, afeto e cuidado da mãe potencializa as condições de identificação subjetiva, “Imagens femininas”.

Para a autora ambas buscam pelo desejo de encontrar respostas que correspondam a constituição subjetiva, porém nem sempre os anseios são sanados na busca da compreensão

da sua feminilidade. A busca por uma resposta e o encontro consigo é passado de geração a geração feminina, pois todas, sem exceção, passam pela descoberta da ausência, falta, frustração, castração, compreendendo por um longo o tempo que a mãe possui e a resposta para a falta do pênis. A mãe é peça fundamental para construção do eu feminino. Para Zalberg (2019), as mulheres levarão marcas de uma relação materna para todas as suas relações com outras pessoas, pois consiste do modo como foram olhadas, tocadas, investidas, ouvidas e o modo como tenham escutado da mãe. Freud (1931) vai nos dizer que esta relação é tão forte e se inicia muito cedo, desde a relação pré-edipiana.

Do outro lado estão os vínculos construídos com outras pessoas, com a figura masculina, com uma história de hierarquia, de divisões de papéis que interferiu e interfere na figura feminina. Consiste na constituição da subjetividade feminina com os fatores históricos. Há cada época social a mulher tem a sua representação social relacionada ao período em que viveu. O laço entre a mãe e a filha é tão estreita que a mãe tem uma função primordial nesse desenvolvimento subjetivo da feminilidade de sua filha do qual os fatores sociais têm relevância na formação da mulher, transmitida pela própria mãe que não consegue romper com esta estrutura patriarcal apesar das diversas tentativas mas, que de maneira pausada e muito lenta, algumas mulheres ecoam em alto em bom som pelos seus direitos.

Recordemos por exemplo: Carolina Maria de Jesus, a primeira escritora negra a lançar um livro no Brasil, Adélia Sampaio, a primeira cineasta negra a dirigir um longa - metragem; Léa Campos, tornou-se a primeira árbitra do mundo na década de 70 opondo-se ao decreto - Lei 3,199; Leolinda Daltro, foi uma das fundadoras do Partido Republicano Feminino, ela luta pelo os direitos das mulheres e luta pelo direito do voto; a Mineira Anastácia, que resistiu a diversos assédios de seus ‘donos’ em um sistema de escravatura, foi castigada com uma máscara de ferro tampando a sua boca; Simone de Beauvoir, filósofa existencialista e ativista, professora e feminista que contemplou a frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, a filósofa trouxe discussões acerca igualdade de gênero; Judith Butler, também filósofa feminista que discute questões de gênero, dentre outras mulheres importantes que não foram citadas.

E por trás destas lutas não se pode negar a importância destas mães que apesar do contexto histórico conseguiram romper com o sistema patriarcal e empoderar essas mulheres. Ensinando a lutar pelos seus direitos e a se valorizar enquanto sujeito que deseja e que tem o direito de decidir o que deseja para si.

No inconsciente da mulher, permanece, sobretudo, o efeito do “eu não tenho um apoio no meu corpo que me dê consistência de mulher. “Para ela, não ter significa não ser. Daí a eterna necessidade na mulher de confirmação de sua identidade, refletindo-se num sentimento de “medo de não ser (ZALCBERG, 2019, p. 29).

Processo este constituído de modo singular e gradativo, e algumas vezes de forma bem dolorosa, com conflitos de desejos em uma contexto que compartilha com outras pessoas. As mulheres, embora singulares necessitavam do coletivo, movidas pelo desejo de espaço dá voz ao que almeja e travam lutas pelos direitos que a priori fora roubado. Para Fuentes (2012) o movimento político pelo direitos das mulheres na sociedade passou por vários conflitos, e entre um deles o de reconhecer, definir a mulher que se constitui, que torna se mulher, como um processo diário e as novas lutas feministas apontam para uma descoberta da potencialidade subjetiva intelectual das mulheres, criando discursos de defesa por espaços.

Para Fuentes (2012) os desafios encarado pelas mulheres apontam:

Três posições distintas: o feminismo que lutou pela igualdade da mulher em relação ao homem; o feminismo que lutou pela preservação da mulher como distinta do homem; e, finalmente, o movimento pós-moderno, que procura desconstruir a identidade sexual baseada no dualismo masculino-feminino que ser quer supérflua (FUENTES, 2012, p. 82).

Desse modo, a mulher contestou pelos seus espaços socioculturais e político enfrentando historicamente um poder patriarcado de espaços, de desigualdade social que foi determinado a priori de geração em geração, dando ao masculino condições de dirigir a seu modo o universo feminino. E neste discurso de papéis hierarquizado que a mãe/mulher reproduz a fala à filha/mulher, condicionada a compactuar com a desigualdade e a objetificação feminina. O despertar das mulheres a partir de estudos e movimentos feministas trouxeram novos olhares para a constituição da mulher na sociedade, bem como tomam posicionamentos que buscam romper com a desigualdade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O silêncio na narrativa da mulher compactuou na sua subjetividade de modo irreparável, embora os movimentos feministas tenham dado novos rumos a condição da mulher na sociedade, na sua constituição subjetiva a história da mulher traz até hoje a inexistência da sua intelectualidade, o seu lugar na sociedade. Além disso, nesta relação mãe e

filha, novos modos de se pensar e tornar-se mulher nos faz compreender que novas mulheres poderão dizer o que querem, o que desejam, dá voz a sua existência.

Diante disso, é possível pensar que a constituição subjetiva da mulher se constrói a partir das relações sociais, e que uma em especial é o relacionamento primário da menina com outra mulher, sua mãe. A mãe compactua com um período social, com uma realidade social que a interfere e, conseqüentemente, estas interferências influenciará na filha, na sua constituição feminina.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Denise Borille de. Narrativas femininas britânicas da Primeira Guerra: perspectivas da evolução e representação de papéis sociais femininos no Século XX. **História: Debates e Tendências** – v. 14, n. 2, jul./dez. p. 395-407. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/4580>. Acesso em: 06 set. 2020.
- ARÁN, Márcia; JÚNIOR, Carlos Augusto Peixoto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos pagu**, n. 28, p. 129-147, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100007. Acesso em: 12 out. 2020.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Considerações sobre Pesquisas em Psicanálise. 19. 2012. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/texts/consideracoes-sobre-pesquisa-em-psicanalise.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.
- COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Universidade Federal da Grande Dourados, 2014, p. 114. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/tempos-diferentes-discursos-iguais-a-construcao-historica-do-corpo-feminino-ana-maria-colling-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.
- CAMPOS, Denise Teles Freire. Mãe e filha: da identificação à devastação. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, ano XIII, n. 135, p. 5-13, jul./2000. Disponível em: <http://www.oocities.org/hotsprings/villa/3170/DeniseCampos.htm>. Acesso em: 10 nov.2020.
- FREUD, Sigmund. (1925). Algumas Consequências Psíquica da Distinção Anatômica entre os Sexos. Vol. XIX. Disponível em: <http://www.freudonline.com.br/livros/volume-19/vol-xix-14-algumas-consequencias-psiquicas-da-distincao-anatomica-entre-os-sexos-1925/>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- FREUD, Sigmund. (1931). Sexualidade Feminina. Vol. XXI. Disponível em: <http://www.freudonline.com.br/livros/volume-21/vol-xxi-10-sexualidade-feminina-1931>. Acesso em: 09 jun. 2020.

FUENTES, Maria Josefina Sota. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino** / Maria Josefina Sota Fuentes. - 1 reimpressão. - Belo Horizonte: Edição de Scriptum Livros, 2012, p. 1-309.

GOMES, Isabel Cristina; ZANETTI, Sandra Aparecida S. Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. **Psicologia USP**, v. 20, n. 1, p. 93-108, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pusp/v20n1/v20n1a06.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. Da Revolução Industrial inglesa ao imperialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Trad. André Telles. — Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SPELLER, Maria Augusta Rondas. De feminino e feminilidade na psicanálise. In: SPELLER, Maria Augusta Rondas. **Feminino, psicanálise e educação: do impossível ao possível**. Ed. UFMT, entrelinhas, Cuiabá, Mato Grosso, 2005, p. 21 - 25. Disponível em: <http://www.entrelinhaseditora.com.br/uploads/produtopdf/Feminino-Psicanalise-e-Educacao-.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

WOERKENS, Martine Van. "Judith Butler, Defair the genre", L'Homme [Online], 187-188 | 2008. 16 de dezembro de 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lhomme/20562>. Acesso em: 11 out. 2020.

ZALCBERG, Malvine. **De menina a mulher: cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise** / Malvine Zalcberg. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Edição de Janeiro, 2019, p. 1-351.